

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente do Conselho

MANOEL FRANCISCO BRITO — Diretor Presidente

ROSENAL CALMON ALVES — Diretor

WILSON FIGUEIREDO — Diretor de Redação

DACIO MALTA — Editor

MERVAL PEREIRA — Editor Executivo

ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

Sujeitos Ocultos

Por detrás do nauseante desfile dos anões da máfia do Orçamento e políticos fraudulentos, emergem as silhuetas dos mais notórios sujeitos ocultos da corrupção política no Brasil: José Sarney e Orestes Quêrcia.

Dos citados por José Carlos Alves dos Santos, assessor orçamentário e réu confesso, Manoel Moreira e Genebaldo Correia são títeres de Quêrcia. Cid Carvalho, Alexandre Costa e Edson Lobão são criaturas de Sarney. Dividem-se, assim, os pigmeus políticos pelas duas mais eficazes escolas de rapinagem de verbas públicas que o Brasil conhece.

É preciso deixar bem claro que Fernando Collor e PC Farias não foram exceções teratológicas da vida política brasileira. Vê-se hoje que a família do ex-presidente José Sarney, muito antes da República das Alagoas, aprovou emendas no Orçamento de 1992 que desviavam para o Maranhão US\$ 23 milhões. Cerca de US\$ 153 mil foram destinados à Fundação da Memória Republicana, dos quais US\$ 55 mil foram gastos no mausoléu do sátrapa maranhense.

Um homem de posses modestas, quando da Bossa Nova da UDN, Sarney transformou-se num potentado, contra quem pesam irregularidades, constatadas numa CPI de 1988, que deram ao país um prejuízo de bilhões de dólares. Sarney foi um grande praticante da política do favor, da intermediação de verbas e da parentela. A CPI solicitou o testemunho ao presidente por ofício, com 67 indagações não respondidas até hoje.

Como é possível Sarney estar hoje a realizar obras de dragagens de US\$ 500 mil, no canal de acesso de sua ilha de Curupu? De onde saíram os US\$ 300 mil que compraram para Roseane Sarney a mansão de seis quartos, cinco varandas, três salas, dois depósitos e dois quartos de empregadas em Búzios?

Com que moral José Sarney critica a proposta do JORNAL DO BRASIL ao Banco do Brasil se a sua família, quando ele estava na Presidência, con-

verteu empréstimos do Banco do Brasil em contratos de publicidade para veiculação de anúncios na TV Mirante, de São Luiz, pertencente à família do senador pelo Amapá?

Orestes Quêrcia é a outra grande matriz escusa da política. Político modestíssimo de Campinas, acumulou em 30 anos de vida política um patrimônio de US\$ 52 milhões. Seus escândalos foram amplamente divulgados na imprensa paulista. Em novembro de 1988, Quêrcia importou US\$ 300 milhões de equipamentos de Israel sem licitação num processo devidamente arquivado. No caso Vasp, completou a operação de compra da empresa com empréstimos do Banespa para o famigerado Wagner Canhedo.

O governo Quêrcia em São Paulo poderia entrar no livro Guinness dos recordes no capítulo das falcatruas. Pela tabela de Quêrcia, denunciou na ocasião a revista *Veja*, cada 630 metros do metrô paulista custam o mesmo que 1 quilômetro do túnel sob o Canal da Mancha.

Em seu governo, a Eletropaulo fez uma operação triangular de US\$ 430 milhões, pegou essa dinheiro emprestada no nome da empresa, deu o aval do Tesouro Estadual e depositou a soma na conta das empreiteiras. Sabe-se hoje que Quêrcia só não foi cassado por corrupção durante o regime militar porque o seu grupo de senadores "da oposição" garantia a aprovação dos projetos de interesse do regime.

Esses homens que enriqueceram no poder continuam por aí. Ao contrário de Fernando Collor, Sarney e Quêrcia conseguiram engavetar toda essa sujeira, que agora volta a regurgitar em função do clamor público pelas mãos limpas. Gostariam mesmo de se candidatar ao Planalto, no ano que vem, mas vão ter de submergir durante algum tempo, até que a onda de indignação esmoreça. A sorte deles é não serem italianos.